

A MÃE DE GORKI. A MEDIAÇÃO DO PANFLETO PARA A AÇÃO SOCIAL

*Elisabeth Kimie Kitamura*¹

Resumo: O artigo discute o romance *A Mãe de Gorki* e a importante relação entre os panfletos, os movimentos sociais e a família como espelho do mundo. Por ser uma obra panfletária de Gorki, ela transgride as regras rígidas da “boa literatura” e, sem pudor, porque tendencioso, não vê limites na relação leitor – escritor. Por estas qualidades o livro fascina pelo seu engajamento político e didático nas avaliações das relações íntimas de uma família de operários imersos na luta de classes no início do século XIX. Gorki é persuasivo ao desenhar a figura materna com o objetivo de comunicar-se com os homens de seu tempo.

Palavras-chave: Panfletos políticos, educação familiar, lutas de classe.

Abstract: This article discusses the Gorki’s romance *The Mother* and the important relations between the pamphlets, the social movement and the family as a mirror of the world. Being a Gorki’s pamphlet work, it breaks down the severe rules of the “good literature” because it doesn’t show limits on the relationship between reader and author. These book qualities fascinates for its political engagement and didactic evaluation of the close relations in the operator’s family who are absorbed in the classes’ fight at the beginning of nineteenth century. Gorki is persuasive when he draws the maternal image which aims a straight communication with the men of his time.

Keywords: Political pamphlets, family’s education, social movement

INTRODUÇÃO

A leitura do romance *A Mãe*, de Máximo Gorki é uma experiência fascinante para o leitor atento em decifrar o mundo. As primeiras impressões positivas do livro estão estampadas na capa e faz da 3ª reimpressão, editora Expressão Popular de 2007, uma edição especial. Os traços marcantes exibem uma ilustração composta por mãos fortes e protetoras que abraçam o corpo pálido de uma criança. O corpo frágil do pequeno contrasta com as mãos grandes, bronzeadas pelo sol e castigadas pelo trabalho cotidiano.

A composição dos elementos da capa indica um roteiro para o olhar (do canto superior esquerdo para o direito) e faz observar as mãos macias e delicadas do bebê que buscam o calor do peito materno; o título (modesto, no canto superior direito) reitera, verbalmente, o que a imagem já anunciara: *A Mãe de Gorki*. No último terço da capa, o olhar segue o gestual que sustenta o peso do pequeno corpo que se inclina

¹ Elisabeth Kimie Kitamura é professora da Universidade Federal de Rondônia, mestre em Comunicação e Semiótica (PUC/SP) e doutoranda em Educação Ambiental e Comunicação (UNESP/Rio Claro)

sobre o coração da mãe. Esta ilustração elaborada a partir do quadro Perfil Maternal (1971) do pintor equatoriano, Eduardo Kingman (1913 - 1998) representa - como faz também a obra de Máximo Gorki -, um capítulo da história do autor e de seu país.

Gorki desenha a mãe russa e sua família no início do século passado através da literatura e Kingman, nas suas pinturas, a mãe indígena equatoriana: em ambas as obras, a figura da mãe que ampara o filho num contexto social, político e econômico marcado pela luta histórica de uma classe social oprimida pelo poder dominante.

A obra de Gorki, como descreve o prefácio elaborado por Frei Beto, é ficção, mas baseada em fatos reais - a luta revolucionária sob a ótica familiar e do mundo dos trabalhadores -, vividos intensamente pelo autor no decorrer de sua vida; A obra de Kingman, artista que também foi escritor e ativista social pelas causas indígenas no seu país, guarda também a experiência de um homem historicamente situado no seu tempo e lugar. O conjunto de sua obra denuncia as injustiças sofridas pelo povo indígena na América Latina; Gorki denuncia, como explica Frei Beto, a realidade de forma panfletária e ideológica, as injustiças sociais sofridas pelo operário russo ou europeu.

A proposta por uma leitura didática de A Mãe de Frei Beto, no seu prefácio, nos dá liberdade para pensar o mundo hoje, tendo como referência a Rússia do final do século 19 e início do século 20. A ilustração da capa do livro que, no primeiro momento, nos comove e em seguida atiza as nossas percepções - no percurso de sua leitura -, para uma reflexão sobre o papel da família e da educação. Para quem a família educa? Para quem a escola educa? Qual é o papel social da família? Qual é o papel social da escola?

Este trabalho pretende abordar sobre a importância da panfletagem política inspirada na obra A Mãe de Gorki e no panfletário Gorki: autor e obra que procuram se expressar mediados por uma comunicação alternativa e ilegal num contexto histórico e social marcado pela opressão exercida pela classe dominante.

A obra literária de Gorki permite relacionar família (centrada na figura materna) sociedade e educação. Considerar os panfletos políticos como um canal de comunicação que organiza e estrutura idéias; educa os atores sociais e faz a ponte entre as esferas do privado e o público - adotar o significado da comunicação que organiza e dá visibilidade à uma classe sem representatividade e excluída na sociedade moderna.

OS PANFLETOS POLÍTICOS COMO AÇÃO SOCIAL

Balzac² (1799-1850) no seu livro *Os Jornalistas* dirige críticas contundentes à recém-criada imprensa moderna (por volta de 1836). Como que prevendo a estreita relação da mídia atual com o poder econômico e político, Balzac desenha os jornalistas de sua época como profissionais promíscuos que, na redação, rendem-se facilmente ao canto da sereia para obter prestígio pessoal ou benefícios materiais imediatos.

A obra panfletária de Balzac denuncia e caracteriza os tipos de jornalistas subservientes que vivem à margem do poder da classe burguesa e descreve estes meandros como um profundo conhecedor do lugar e da prática do jornalista moderno que firmava-se como o todo-poderoso (Balzac publica seus panfletos em 1847).

As panfletagens deste grande escritor fazem de *Os Jornalistas* uma obra atraente porque desvenda os tortuosos caminhos da imprensa revolucionária e burguesa que carrega a bandeira da objetividade e da imparcialidade ao retratar a realidade - o distanciamento necessários para o relato das “verdades”. Segundo Balzac, são estas as qualidades inerentes da imprensa moderna do século XIX (e dos favorecidos por ela) num período onde imperou o jornalismo impresso.

Hoje, a complexidade das redes de comunicação, cujos conteúdos efêmeros e fragmentados produzidos e vendidos numa velocidade prevista apenas por obras de ficção científica, ainda não oferecem respostas adequadas e fundamentadas às críticas levantadas por um Balzac cínico, cáustico e inclemente do século XIX. No prefácio da edição brasileira escrito pelo jornalista Carlos Heitor Cony (BALZAC, 2009, p.9) a produção literária de Balzac “foi considerado por Marx como obra além da literatura, criadora do embrião que geraria a moderna sociologia”. Para Cony, *Os Jornalistas* é panfletário, mas não deixa de ter os méritos de uma obra escrita por um gênio da literatura que retratou com percepção aguçada a condição humana de sua época.

Lincoln de Abreu Penna (2003, p.84 - 89)) explica que a origem do vocábulo panfleto remonta ao século XII, Inglaterra, para denominar pequenos poemas anônimos que circulavam sob a escrita latim *pamphilus*, traduzido posteriormente para o inglês *pamphlet*. Guarda deste modo, ainda hoje, a imagem de uma publicação de pequeno formato, um texto menor se comparado às grandes obras. Esta imagem, em parte, parece estar associada às qualidades que definem os panfletários como

² Balzac, Honoré de. *Os Jornalistas*. Trad. João Domenech. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

indivíduos que manifestam suas idéias marcadas por impulsos instintivos – atitude condizente à condição de excluído dos canais institucionais. Portanto, na ânsia de agregar adeptos às suas crenças, o conteúdo é marcado por discurso direto, ideológico (se político), com argumentações claras e incisivas, de fácil leitura e compreensão (quase sempre didáticos). Para estes, completa o autor, pouco importa o lugar e as condições em que se produz os panfletos: “Seja em meio a processos revolucionários, em movimentos sociais organizados ou espontâneos, ou ainda, em manifestações que tenham por objetivo expressar interesses corporativos ou classistas.” (PENNA, 2003,p. 84) .

Sob o peso de preconceitos, os panfletos, mais do que nunca, transgridem as regras elementares de um manual de redação de um grande jornal e exercem papéis sociais importantes porque é um formato onde a imparcialidade (questionada por Balzac na origem da imprensa moderna) não tem lugar, mas sim, a paixão que emana da subjetividade. Qualidade, segundo Penna, necessária nos momentos de crise:

Crise de valores, crise dos paradigmas, enfim, a cada período do desenvolvimento caótico do sistema fundado na desigualdade social, como é o capitalismo, criam-se problematizações que visam mascarar o real. Os ideólogos dos sistema tentam evadir-se da realidade mediante estratégias de dissimulação negando evidências e gerando interpretações que coloquem a humanidade como parceira do caos. Neste contexto é que o discurso panfletário ocupa um lugar de indiscutível importância. (2003, p.95 e 96)

Segundo Penna, é possível identificar os panfletos em três modalidades principais: as comprometidas com perspectivas coletivas (próprias de movimentos sociais); as que refletem perspectivas político-partidárias e, por último, os que traduzem visões do mundo de indivíduos que carregam bandeiras para a inclusão social dessas individualidades.

A FAMÍLIA DE PELAGEA VLASSOV

Walter Benjamin, no seu texto Um drama de família num teatro épico³ trata da peça A Mãe, de Máximo Gorki e afirma, contundente, que “O comunismo não é

³ Benjamin, Walter. Um drama de família num teatro épico. Trad. Guilherme Grandi. Tentativas sobre Brecht. Iluminaciones III. 2ª. ed. Madri: Taurus, 1999. www.facasper.com.br/cultura/site/ensaio.php

radical. Radical é o capitalismo”. A leitura inicial de *A Mãe* parece comprovar tal afirmativa de Benjamin.

O cenário da Rússia presente nos capítulos iniciais retrata um país semifeudal em transição para o capitalismo. É neste contexto que a história da família de Pelagea Vlassov é narrada: uma família proletária, vítima das transformações sociais, econômicas e políticas que atravessa a Rússia.

O radicalismo capitalista que não respeita a família está presente nas páginas iniciais do romance que descreve o desmonte de uma família de operários composta por almas aflitas, sujeitas às condições sociais deploráveis no trabalho que permite apenas sobreviver. Sob a ótica familiar, Gorki narra o operário russo do início do século XX, prisioneiro de sua cotidianidade e desprovido do controle do seu tempo e espaço.

Gorki não esconde as suas convicções políticas na construção da narrativa e é incisivo na defesa da classe trabalhadora submetida aos “radicalismos do capital”. É uma estratégia de comunicação persuasiva que, segundo prefácio de Frei Beto, é uma literatura que apresenta os prós e os contras: é positiva porque permite vencer as barreiras da ficção e faz compreender as questões sociais da época com maior intimidade; por outro lado, a subjetividade presente atrapalha e compromete a qualidade do estilo.

Gorki contextualiza historicamente a família detalhando os gestos repetitivos da mãe Pelagea Vlassov empenhada em dar conta dos afazeres domésticos; são eles que demarcam o tímido e tedioso contato existente entre seus membros que não reconhecem a generosidade materna. Seus gestos (do pai e do filho) não se comunicam com os anseios daquela que foi capaz de gerar um filho e que está sempre atenta para atendê-los.

Esta condição e relação entre membros da família Vlassov que parece instigar Benjamin a questionar a família moderna: “Pode a família ser desmontada para que socialmente, em suas partes componentes, funcione de outra maneira?”

Ao discutir as aventuras da modernidade, Marshall Berman resgata O Manifesto Comunista de Marx e traz à tona esta discussão tão calorosa presente na obra de Gorki:

A burguesia despiu o halo de todas as ocupações até então honoráveis, encaradas com reverente respeito. [...] A burguesia extirpou da família seu véu sentimental e transformou a relação

familiar em simples relação monetária. [...] Em lugar da exploração mascarada sob ilusões religiosas e políticas, ela colocou uma exploração aberta, desavergonhada, direta e nua (BERMAN, 1983 p. 103).

Gorki é didático quando conduz com maestria a leitura das emoções de uma mãe que não é correspondida no seio de sua própria família. Benjamin diz ser ela quase inimiga daqueles que deseja sempre o bem e, mesmo assim, parece incomodar o espaço dos homens da casa. Pelagea Vlassov configura a mãe e esposa explorada no seu próprio reduto, mas guarda no seu coração, ainda que com muito custo, o seu véu sentimental.

No romance, os operários (filhos e maridos) reproduzem em seus domicílios o ambiente desumano de seus locais de trabalho: Eles são tratados como meros objetos, desprovidos de vontades, direito e de um salário decente.

Os cenários descritos são monocromáticos e predomina a cor cinza que contamina as personagens, a paisagem urbana e evidencia a violência e a opressão crônicas exercidas pelo patrão e pela polícia. Esta condição social no trabalho que invade o espaço da família também molda a aparência e o comportamento de seus membros. Este é o retrato social degradante de A Mãe que Benjamin condena e atribui a culpa ao desenvolvimento capitalista que não tem pudor em transformar tudo em prol dos lucros imediatos e privilégios de uma burguesia sedenta por novidades.

A figura materna de Gorki é determinante nos capítulos posteriores. Ela cresce, adapta-se às novas circunstâncias e ultrapassa os limites de sua ação do espaço familiar para o mundo; num processo constante de auto-superação ingressa e ajuda como pode na luta por uma nova sociedade. Neste processo, Gorki parece evidenciar a importância do aprendizado pela prática social (porque a educação formal escolar reproduz a ideologia burguesa) que valorize as potencialidades do homem em recriar o mundo em prol do coletivo.

Para Benjamin (1999, p.01) a interpretação teatral de A Mãe de Brecht (tal como o original Gorki) é um experimento sociológico sobre como revolucionar as mães porque, “se se revoluciona as mães, já não ficará nada para revolucionar”. Quem poderia duvidar da generosidade, da fidelidade e do amor de uma mãe? No final da primeira parte do romance, Pelagea já não é a mulher submissa volúvel às agressões do seu marido e quase invisível aos olhos de seu filho Pavel. Para Benjamin, este é o

momento da união de mãe e filho contra o inimigo comum que os oprime: uma sociedade injusta que subjuga os operários sob o comando cruel do patrão capitalista.

A MÃE E OS PANFLETOS POLÍTICOS

Após a morte do marido e pai serralheiro, o romance aproxima a mãe Pelagea e o filho Pavel. É sob o olhar atento e protetor da mãe que o leitor acompanha as descobertas de seu filho que trilha caminhos até então desconhecidos. São as percepções de uma mãe que identificam cada companheiro de luta de seu filho Pavel e as convicções políticas revolucionárias da juventude que contracenam o porvir de uma nova sociedade mais justa e igualitária.

Gorki, sempre didático, identifica e detalha para o leitor quem são e quais são as motivações de cada jovem. Enquanto nas ruas fervilham as idéias revolucionárias, é sob o olhar testemunhal e aguçado de uma mãe que o leitor pode experimentar as idéias que querem transformar o mundo. Seu filho Pavel e os panfletos políticos fazem esta mediação no contato de Pelagea com o mundo.

Neste processo de aprendizado e de descobertas, aflora também no romance a condição feminina e o papel social que aquela sociedade opressora e desigual concede às mulheres. Pavel, antes um filho rude de operários, torna-se solidário e prestativo nos afazeres domésticos, capricha na higiene pessoal e sente-se capaz de proferir palavras afetuosas à sua mãe. Deixa as bebedeiras, torna-se caseiro para dedicar seu tempo às leituras de livros e reuniões com seus pares do partido. O romance descreve um jovem que se distancia dos hábitos de um operário embrutecido pela sua rotina diária para educar-se revolucionário. Se antes estas mudanças de comportamento amedrontavam e angustiavam sua mãe, nos capítulos seguintes, são estas atitudes que resgatam o filho para o seu lugar de mãe e, também, como companheira para os momentos não mais restritos ao espaço familiar: ela está presente nas fábricas, nas ruas, na cadeia, no campo ao lado de Pavel.

A passagem do livro que narra o contato de Pelagea com os trabalhadores do campo ilustra muito bem as diferenças entre esta comunidade e os da cidade. Mais uma vez, é sob o olhar da mãe que podemos diferenciar as manifestações sociais e políticas atreladas aos valores singulares de cada grupo - cada qual no seu meio ambiente.

Gorki idealiza a figura feminina revolucionária oposta aos ideais da família burguesa. A sua Mãe não está restrita à sua unidade familiar. Corajosa, ela é capaz de superar os limites que transgridem à sua própria condição materna de proteção para ser a Mãe de todos os jovens revolucionários.

Para Berman, Marx materialista exaltou a ciência moderna, os avanços tecnológicos e os benefícios criados pela classe burguesa de modo até mais apurado que qualquer burguês. No entanto, completa ele, não foram as coisas criadas pela burguesia que lhe interessaram:

O que lhe interessa são os processos, os poderes, as expressões de vida humana e energia: homens no trabalho, movendo-se, cultivando, comunicando-se, organizando e reorganizando a natureza e a si mesmos - os novos e interminavelmente renovados meios de atividade que a burguesia traz à luz (BERMAN, 1984, p.92).

No seu romance *A Mãe*, Gorki retrata este mesmo vigor da experiência social que tanto atraiu Marx ao descrever o cotidiano de trabalhadores capazes de gerar a energia coletiva que os liberta dos grilhões do capitalismo. Neste processo, Gorki (e o seu romance) revela o seu fascínio pela aprendizagem e pela produção do conhecimento que transformem, significativamente, as relações na família, no trabalho, no entretenimento: a educação aliada à práxis social. Pavel é um leitor ávido, que devora os livros e sujeito participante na produção de panfletos políticos determinado por um ideal revolucionário que liberta os trabalhadores para a construção de uma nova sociedade para todas as classes. A sua mãe é companheira nesta produção intelectual e o ajuda como pode, na função arriscada de distribuir os panfletos. As percepções de Pelagea transformam-se nesta experiência:

Outrora, a vida havia-lhe parecido externa, longínqua, feita não se sabe por que, nem por quê; e eis que agora muita coisa nasce perante os seus olhos, com a sua contribuição. E isto despertava nela uma sensação desordenada, na qual se misturavam a falta de confiança nela própria e a satisfação, a perplexidade e uma doce e calma tristeza...Em volta dela, tudo oscilava num lento movimento, no céu, flutuavam nuvens cinzentas, perseguindo-se pesadamente; de ambos os lados da estrada, fugiam para trás árvores molhadas, balançando os cumes despídos; estendiam-se campos, colinas surgiam e desapareciam (GORKI, 2003, p. 327 e 328).

Nesta passagem, Gorki descreve, com maestria, o estado de espírito de Pelagea em sua viagem para o campo com a mala repleta de panfletos políticos. Se antes Gorki

descreve os conflitos humanos que compõem a paisagem da Rússia do início do século XX, é neste raro momento, que o autor faz o leitor observar a paisagem natural vista sob a percepção da mãe Pelagea. Para o burguês, a mesma paisagem não carrega o mesmo sentido: “O rico até no paraíso sente-se apertado...é assim! Dá-se bem com as autoridades, pode esmagar quem quiser – repetia o cocheiro, arrastando as palavras e balançando-se na boléia” (2003, p.326).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da capa à última página do seu romance *A Mãe de Gorki* compartilha com o leitor, a experiência do tempo e do espaço no cotidiano de uma sociedade marcada por profundas transformações e conflitos sociais. Gorki retrata a Rússia no início do século XX e mescla romantismo e realismo; poesia e propagando do socialismo. O prefácio escrito por Frei Beto contextualiza historicamente este romance de Gorki e expõe os riscos e a importância de uma publicação que ultrapassa as barreiras da ficção.

Nas suas reflexões sobre o papel social do intelectual e as armadilhas que a sociedade moderna guarda para este, Berman contribui na compreensão deste panfletário Gorki apaixonado pelas questões sociais, quando recorre a Fausto de Goethe para caracterizar a personificação do

[...]arquétipo do intelectual moderno forçado a “vender-se” para tornar o mundo diferente do que é. Fausto também incorpora um complexo de necessidades inerentes aos intelectuais: eles são movidos não apenas pela necessidade de viver, partilhada com todos os homens, mas pelo desejo de se comunicar, de se engajar em um diálogo com seus companheiros humanos. (1987, p.114).

A Mãe de Gorki parece transgredir as regras do mercado cultural moderno quando expõe a cotidianidade dos operários desprovida das promessas ilusórias do capitalismo, mas também parte deste (mesmo mercado) quando expressa os mesmos desejos de um intelectual que quer se comunicar com seus companheiros através de um discurso político mediado e protagonizado pela presença materna. Gorki parece desafiar as contradições inerentes do ser moderno que utiliza os mesmos canais de produção para suprir as inovações constantes.

Berman (1987) recorre a Marx para decifrar esta relação complexa e ambígua do intelectual e o mercado moderno. Para ele, Marx não duvidou da habilidade da

burguesia em extrair lucro de qualquer pensamento, inclusive do mais radical. Portanto, o intelectual, no contexto da indústria moderna, é mais um assalariado privilegiado, prisioneiro das ambigüidades e das armadilhas do mercado que provê o seu sustento material e, também, o espiritual (cuja inspiração deve buscar fora deste mercado). Estas reflexões de Marx e Berman nos instigam a reavaliar a importância deste panfletário Gorki no mundo contemporâneo, cujo mercado, onipresente, faz circular suas mercadorias numa velocidade antes jamais experienciada.

A Mãe de Gorki é uma experiência que entusiasma por apresentar formato e conteúdo que transgridem os limites estéticos e literários; Por ser tão direto e transparente em suas convicções políticas circunscritas às experiências sociais de seu tempo, o romance, como adianta Frei Beto no prefácio, ainda fascina as mentes inquietas e dispostas aos sacrifícios contemporâneos de remar contra a maré. A afirmativa de Benjamin(1999) de que quando se revoluciona a mãe, nada resta para revolucionar, continua a nos instigar.

REFERÊNCIAS

BALZAC, Honoré. Os Jornalistas. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

BENJAMIN, Walter. Um drama de família um teatro épico. Texto traduzido por Guilherme Grandi, in Tentativas sobre Brecht, Iluminaciones III, 2ª. ed. Madri: Taurus, 1999.

BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GORKI, Máximo. A Mãe. São Paulo: Expressão Popular, 2000.

PENNA, Lincoln de Abreu. Os Panfletários da República: a campanha do petróleo na imprensa nacionalista. ALCEU – v.4 – n.7 – p. 83 a 98 – jul/dez. 2003.

Enviado: 16/03/10

Aprovado: 11/07/1